

POR UMA CIÊNCIA HUMANIZADA

Luiz Alex Silva Saraiva¹

A quem atende a ideia de uma ciência objetiva, desprovida de humanidade? Em que medida os ideais de objetividade do conhecimento e de neutralidade do pesquisador configuraram uma ciência que não “se suja” com o humano, afastando-se assim do que é justamente o que faz da ciência, ciência? Essas questões são algumas das que embasam discussões travadas há décadas, particularmente entre filósofos da ciência, preocupados com a autonomia e independência de que a ciência passou a desfrutar e, assim, com as implicações do seu insulamento e questionamento enquanto instituição social.

O contexto de emergência do Iluminismo, como uma espécie de resposta ao que representou a Idade Média e sua ênfase na fé, se deu em um período histórico que privilegiou a razão em geral, e a ciência, em particular, como grandes chaves de entendimento daquele momento. A um só tempo razão e ciência forneciam um quadro de referência para as incertezas que se apresentavam, uma vez que estabilizavam as questões em torno do que é racional, do que pode ser conhecido de forma sistemática.

Para afastar as incertezas associadas à crença, e aspectos como a subjetividade, era necessário à ciência se constituir como um tipo de conhecimento específico,

¹ Editor-chefe da Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade. Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/8812184151373749>. <https://orcid.org/0000-0001-5307-9750>. saraiva@face.ufmg.br. Endereço para correspondência: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas. Av. Antonio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: (55 31) 34097235.

sistemático, e voltado para o alcance da verdade. O método se apresenta como aspecto central, uma vez que permitiria, de forma objetiva, que pessoas diferentes, em circunstâncias distintas, repetissem o mesmo percurso e chegassem a resultados semelhantes. A sistematização das perspectivas de conhecer o mundo via ciência precisava compor a agenda desta emergente forma de conhecimento para reagir às trevas da ignorância, que se baseavam na fé como elemento central de ser e estar no mundo, já que tudo provinha da e resultava na vontade divina, um esquema sujeito a manipulações de toda ordem e à proliferação de desigualdades sociais.

A perspectiva de ciência, exata, objetiva, e ainda hegemônica nos dias atuais, erigiu uma instituição fortemente reificada, o conhecimento científico, uma vez que universaliza aspectos concernentes a apenas alguns ramos de conhecimento, e os prescreve como evidência de cientificidade. Isso cria não apenas uma lógica de perseguição a uma exatidão impossível em ciências humanas e sociais em geral, mas um estranho fetiche de esvaziamento de humanidade em uma busca implacável de um vazio subjetivo no lugar do pesquisador.

À medida que a ciência se expandia, se especializada e se institucionalizava, se tornava mais e mais autônoma, portanto cada vez mais capaz de explicar o mundo que nos cercava (Feilgold & Giannini, 2020). Como era necessário garantir que esta nascente forma de conhecimento se perpetuasse, era preciso criar condições para sua ampliação, aprofundamento e difusão, o que foi concretizado nas universidades, principalmente as europeias. A técnica foi o mecanismo básico para isso, pois constituía um argumento de mérito à medida que permitia selecionar os “aptos” e os “não aptos” para aprender a ciência, reproduzindo a lógica de castas de “instruídos” tal como os monges da Idade Média, mas agora com o argumento de que era necessário um preparo técnico que terminava por tornar elitizado o acesso e a permanência nas universidades (Saraiva, 2020).

Não surpreende, assim, que homens, brancos, heterossexuais, cristãos, de classes médias e superiores tenham sido os criadores, ocupantes e destinatários da ciência (Harding, 1986; Bordo, 2000). Esta passou a se retroalimentar de forma elitista e segregadora de um contexto que fazia sentido para si próprio, tornando-se gradativamente alheia tanto à sociedade e suas demandas quanto aos outros tipos de pessoas e saberes que poderiam compor outras formas de cognoscibilidade (Burrell, 1998).

O preço de eliminar a ignorância tornou o conhecimento científico também uma espécie de profecia autorrealizável, dependente de um tipo de fé como sustentação de todo o saber da ciência. Um saber que, sob o manto da técnica, mostrava-se como essencialmente masculino, heterossexual, europeu, de classe média e superior etc. A ciência passou a ser produzida tendo como referência uma “normalidade técnica” que só podia existir nas condições de contextos homogêneos, elitizados e pouco acessíveis das universidades europeias (Haraway, 1995; Keller, 1991).

A normalização da ciência, com sua realização e desenvolvimento levada a cabo por pessoas privilegiadas, negam os privilégios de sua concepção e manutenção ao se apresentar de uma forma de conhecimento neutra e objetiva com um difuso objetivo de alcance da verdade e bem comum. Trata-se de algo virtualmente impossível se seu ponto de partida repousa sobre um grupo que não conhece necessidades da sociedade, apenas delas vagamente entende enquanto demandas distantes de pessoas que não estão no mesmo nível de interlocução do dos cientistas. Isso leva a que a ciência como um todo seja pouco sensível a situações históricas de opressão e a grupos sistematicamente alijados da possibilidade de construir outra forma de conhecimento, mais politizada e em diálogo com a sociedade. E que tampouco reconheça outros saberes como legítimos, necessários e não concorrentes na constituição de uma sociedade plena e efetivamente plural.

Reconhecer a necessidade de outra ciência, mais humanizada, que reconheça o outro, implica assumir ontologias do humano para além “do homem” (branco, masculino, europeu, cristão, heterossexual etc.): implica epistemologias que não tratem apenas do conhecer, mas de um conhecer corporificado, isto é, viabilizado por meio de uma constituição corpórea que não se resume ao biológico, mas que carrega complexidades interseccionais diversas, como as relacionadas a aspectos raciais, de gênero, de sexualidade, de classe social, de imagem corporal, de deficiência física, e de idade, entre muitos outros aspectos do sujeito nas diversas formas de conhecer o mundo que o cerca.

A metodologia, o grande diferencial do conhecimento científico, assim, não se trata de algo objetivo, portanto: traz consigo um leque de escolhas associadas aos percursos que cada pesquisador e cada pesquisadora traz consigo, suas subjetividades, diferenças, dores e lutas. Não há como imaginar, portanto, a constituição de uma agenda de pesquisa com a qual não se seja minimamente comprometido, interessado, engajado. A ciência tem uma inevitável humanidade, portanto (Raman, 2017). Mesmo que eventualmente isso não seja assumido, precisamos de uma ciência mais humanizada (Brainard, 2009), que dialogue com nossas diferenças e necessidades enquanto seres humanos. Este é um ponto de partida para que a ciência possa ser concebida, praticada, acessada e difundida por diferentes pessoas e não apesar delas, um passo rumo à superação das desigualdades no contexto neoliberal, particularmente as de gênero (Poggio, 2022). Particularmente a esta discussão nos voltamos neste número.

Iniciando a publicação em 2022 contamos, na seção **Capas** com a contribuição *Da objetividade científica ou deus criou o homem à sua imagem e semelhança*, de *Clarissa Reche Nunes da Costa*. A partir de uma fictícia reunião masculina, a autora problematiza a questão do gênero tomando como exemplo Maria Curie, a primeira pessoa a ganhar dois prêmios Nobel fora da História e que constituiria um problema em uma ciência essencialmente masculina.

Esta edição conta com dois **Artigos**. O primeiro, *Autogestão do trabalho num assentamento do MST*, de *Gilcimar Ferreira de Carvalho Caetano* e *Sergio Eduardo de Pinho Velho Wanderley*, se volta à práxis da autogestão na organização do trabalho no assentamento Osvaldo de Oliveira, no Rio de Janeiro. Os resultados sugerem que a comunidade é gerida coletivamente, com liberdade de manifestação dos membros, uma comunidade gerida sem hierarquia com igualdade de direitos, o que em boa medida se assemelha a autogestão, sugerindo que no rural também se observam dinâmicas caras aos estudos organizacionais.

Guilherme Badaró Drumond, em *As práticas, o som e a construção do espaço na rua da lama*, procurou compreender como o negociar das práticas nos bastidores de um evento musical entremeia a construção espacial e o estabelecimento de fronteiras reguladoras das práticas na cidade. Os achados ajudam a desvendar a produção do espaço em sua dimensão micropolítica, na medida em que práticas são negociadas e autorizadas pelos diferentes sujeitos, orientando distintas apropriações e usos do espaço da cidade.

Na seção **Ensaio**, contamos com a contribuição *Especulações feministas*, de *Ana Paula Lemes de Souza*. Neste texto a autora examina diversas possibilidades do feminismo nas viradas ontológicas e especulativas filosóficas, notadamente, no realismo especulativo de Quentin Meillassoux, que colocou em discussão o correlacionismo kantiano, entendido como a pressuposição recíproca entre pensamento e ser. O trabalho propõe novo paradigma de reflexão sobre “ser mulher”, através da cosmologia, uma forma diferente de pensar sexo, gênero e sexualidade, que propicia a ascensão de outras grafias e modos de existência.

A tarefa de arrumar o armário: enciclopédias de ciência, colagens e recriação a partir de um passado empoeirado, de *Clarissa Reche Nunes da Costa* é a contribuição selecionada para a seção **Registros fotográficos**. Neste trabalho, a autora apresenta colagens confeccionadas a partir de recortes e sobreposições

de imagens e palavras retiradas de volumes sortidos de enciclopédias de ciências, um exercício de reorganização dialoga com propostas discutidas por filósofas que trabalham no entrelaçamento entre feminismo e ciência e que apontam para a habilidade da recriação como ferramenta teórica e prática capaz de fomentar alternativas para novas formas possíveis de produção de conhecimento.

Retomando as provocações iniciais, em face de tudo o que poderia implicar a humanização do conhecimento científico, por que a ciência não poder ser feminista, então? *Daniela Tonelli Manica, Érica Renata de Souza* e Luiz Alex Silva Saraiva concretizaram esta discussão como editores especiais do **Fórum "Estudos de Ciência, Tecnologia e Sociedade numa Perspectiva Feminista"**, o primeiro projeto do tipo publicado pela **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**.

No primeiro dos sete textos do referido fórum, *Múltiplas diferenças: perspectivas feministas e interseccionalidade*, os editores especiais tratam da necessária, mas nem sempre evidente interface social da Ciência e Tecnologia, situando a iniciativa no âmbito de um grupo de trabalho em um evento de 2019, e abrindo possibilidades para ampliar o pensamento em torno da ciência, da tecnologia e da sociedade como dimensões inseparáveis.

Manuela Ribeiro Cirigliano, em *Quando o corpo é um só: sobre a construção de um saber localizado*, em diálogo com Donna Haraway e Glória Anzaldúa, se propõe a explorar possibilidades analíticas de sua perspectiva de mulher com uma síndrome genética rara, a Síndrome de Ehlers-Danlos, no que é fundamental discutir a respeito do papel do corpo na produção do conhecimento.

Corpo aberto: notas sobre o encontro entre gênero, discurso religioso e científico em um terreiro de umbanda esotérica em Belo Horizonte, de *Bianca Zacarias França*, é parte de uma etnografia acerca da organização ritual baseada no

gênero, à luz da percepção nativa sobre a dualidade feminina e masculina, presente em um terreiro de Umbanda Esotérica de Belo Horizonte. Este contexto examinado revela que a pessoa umbandista também é fractal, não existindo um homem ou mulher, já que a concepção de gênero revela uma natureza complementar e andrógena.

Elisangela de Jesus Furtado da Silva, na contribuição *Ciberterreiro: ciberativismo que emancipa?*, se propõe a defender o argumento de que conciliar tecnologia e expressões culturais, além de visibilizar pessoas e costumes invisibilizados em um contexto de racismo estrutural, pode promover o debate em torno de questões sociais complexas como a desigualdade e a exclusão. Para tanto, o acesso à tecnologia precisa vir acompanhado de um uso político de conceitos rumo a uma efetiva emancipação.

A partir de situações ficcionais, mas nem por isso necessariamente descoladas do real, *Tiago Heliodoro Nascimento* nos brinda em *Jéssica, Johnatan e a branquitude na antropologia: ficções sobre o reposicionamento das relações raciais na pós-graduação*, com uma discussão sobre a resistência ao enegrecimento do ensino superior, voltando-se para a eclosão dos debates sobre a implementação de cotas na pós-graduação, um tema que precisa de contínuo tensionamento e discussão para o incremento das políticas de ação afirmativa no Brasil.

Thabata Caroline Alves, no texto *Ciência, tecnologia e gênero: resistências, afetos e costuras*, explora, por meio de uma etnografia sobre o ato de costurar, como coletivamente o ser mulher é construído, o que se dá em meio a linhas, agulhas e tecidos, e como isso se relaciona a um fazer científico afetado particularmente pelo contexto de troca entre mulheres no cotidiano ou na universidade.

Encerrando o fórum, e este número, *Um olhar feminista sobre o perfil das pesquisadoras da UFBA bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq*, de Iolanda Pinto de Faria, Márcia dos Santos Macedo, Angela Maria Freire de Lima e Souza traz ao debate sobre gênero e sub-representatividade na ciência, uma vez que mesmo um reconhecimento como esta bolsa termina por constituir uma forma de hierarquizar a conferir um status inferior para as pesquisadoras, mesmo que se trata de investigadoras experientes e atuantes em seus campos de investigação, o que reflete uma lógica de desigualdade e de machismo na universidade.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

Bordo, Susan (2000). A feminista como o Outro. *Estudos Feministas*, 8(1), 10-29.

Brainard, Curtis (2009). Can Science be “humanized”? Or is democracy doomed, Harper’s Wonders. *Columbia Journalism Review*. Recuperado em 21 novembro, 2022 de: https://archives.cjr.org/the_observatory/can_science_be_humanized.php.

Burrell, Gibson (1998). Ciência normal, paradigmas, metáforas, discursos e genealogia da análise. In Stewart Clegg, Cynthia Hardy, e Walter W. Nord (Orgs.). *Handbook de estudos organizacionais: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais* (pp. 439-462). São Paulo: Atlas.

Feingold, Mordechai & Giannini, Giulia (2020). *The Institutionalization of Science in Early Modern Europe*. Leiden: Brill.

Haraway, Donna (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, 7-42.

Harding, Sandra (1986). *The Science question in feminism*. Ithaca: Cornell University Press.

Keller, Evelyn F. (1991). *Reflexiones sobre género y ciencia*. Valencia: Alfons El Magnanim.

Poggio, Barbara (2022). Trabalhando pela igualdade de gênero na academia neoliberal: entre a teoria e a prática. *Revista de Administração Contemporânea*, 22(Sup.), e220014.

Raman, Indira M. (2017). The humanity of Science. *eLife*, 6, e27982.

Saraiva, Luiz Alex S. (2020). Ciência e responsabilidade. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 7(18), 1-16.

Schienbinger, Londa (2001). *O feminismo mudou a ciência?* Bauru: EDUSC.

CONTRIBUIÇÃO

Luiz Alex Silva Saraiva

O autor declara ser o único responsável por todas as fases envolvendo a elaboração desta contribuição.

CONFLITOS DE INTERESSE

O autor declara não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O autor declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) pela infraestrutura de pesquisa e de trabalho e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelos recursos que permitiram viabilizar esta publicação.

COMO CITAR

Saraiva, Luiz Alex S. (2022). Por uma ciência humanizada. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 9(24), 1-10.